







“AFRODITE SEM OLIMPO” BLOG: AN ANALYSIS OF INTERTEXTUALITY

BLOG “AFRODITE SEM OLIMPO”: UMA ANÁLISE DA INTERTEXTUALIDADE

Lia Josylane Marques (UFF) ¹ , Vilma dos Santos Mariano (IFF) ² . Carla Bittencourt Felício (UENF) ³ . Maria Nilsa Souza Matos do Espírito Santo (UENF) ⁴ .

Abstract - This article presents the blog as a writing and reading system characterized as a form of hypertext. Because of their dynamic structure, blogs are tools that allow for rapid updating and eclecticism, offering countless possibilities of content. When analyzed from a semantic perspective, the term “intertextuality” provides an understanding of the characteristics of language. The aim of this study is to discuss the concept of intertextuality based on the literature and to illustrate it through the blog Afrodite sem Olimpo, written by a Brazilian woman known on the internet as Afrodite. In this blog, the author narrates episodes from her daily life while alluding to the Greek goddess of beauty, love, and fertility, blending these references with other information published in this online diary. Throughout this study, the textual information presented in the blog is analyzed in light of hypertextuality. The methodology adopted was a literature review of works by leading authors in discussions of intertextuality on the internet, which supported the analysis of the aforementioned blog. The results indicate that Afrodite sem Olimpo is one possible model of hypertext circulating on the web, as it offers a contemporary and poetic interpretation of the meanings of beauty and love as proposed by its creator, providing a meaningful experience for readers who engage with its content by exploring its literary and mythological origins and its application in the transmission of information. The intertextual dialogue found in the blog allows for reflection on beauty and its meanings, exploring different senses and cultural references.

Keywords: Blog; Intertextuality; Hypertext.

Resumo - O presente artigo apresenta o blog como um sistema de escrita e leitura caracterizado como um hipertexto. Os blogs são ferramentas que por ter uma estrutura dinâmica, possibilitam sua rápida atualização e ecletismo com inúmeras possibilidades de conteúdo. A palavra “intertextualidade”, quando analisada sob a visão semântica, oferece uma compreensão das características da linguagem. O objetivo é discutir o conceito de intertextualidade a partir da literatura e exemplificando o blog “Afrodite sem Olimpo” escrito por uma brasileira conhecida na internet como Afrodite. Dentre as informações do referido blog, a autora narra as histórias de seu cotidiano fazendo alusão à deusa grega da beleza, do amor e da fertilidade, mesclando ainda com outras informações publicadas nesse diário online. Ao longo deste estudo, as informações textuais apresentadas no blog são analisadas à luz da hipertextualidade. A metodologia aplicada foi a revisão de literatura de obras de autores referência na discussão da intertextualidade na rede de internet, que subsidiaram as análises do supramencionado blog. Os resultados apontam que “Afrodite sem Olimpo” é um dos possíveis modelos de hipertextos que circulam na rede, pois ele oferece uma interpretação contemporânea e poética, o significado da beleza e do amor

¹Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense - UFF

²Graduação em Licenciatura em Música pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Fluminense - IFF

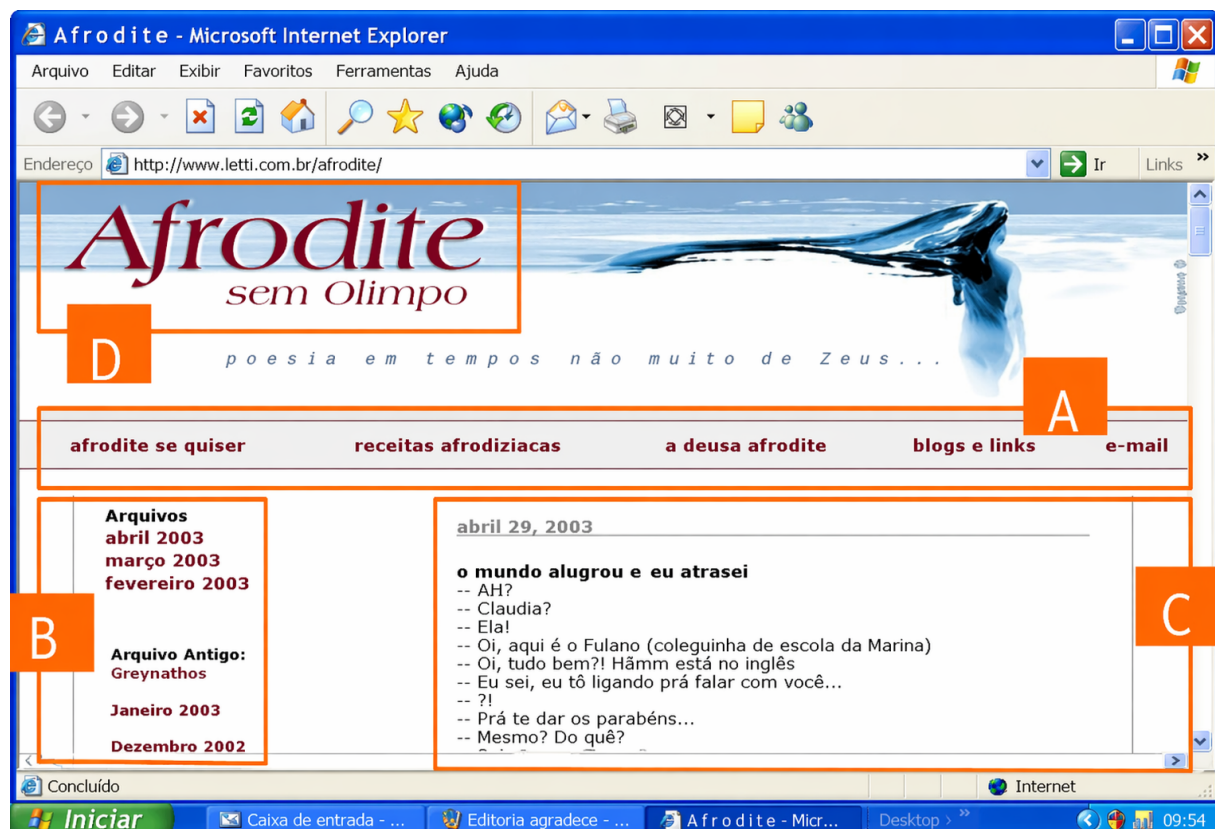
³Mestra em Cognição e Linguagem - UENF

⁴Graduada em Pedagogia - UENF

como propostos por sua idealizadora, proporcionando uma experiência significativa para os leitores que se deleitam dos conteúdos explorando sua origem literária e mitológica, e sua aplicação na transmissão de informações para os leitores do blog. O diálogo intertextual encontrado no blog permite uma reflexão sobre a formosura e seus significados, explorando diferentes sentidos e referências culturais.

Palavras-chave: Blog; Intertextualidade; Hipertexto.

1 INTRODUÇÃO



Fonte: <http://www.letti.com.br/afrodite/>

Gráfico 1: Blog "Afrodite sem Olimpo!"

A imagem acima se refere ao *blog* "AFRODITE SEM OLIMPO". De acordo com Komesu (2004), ele foi produzido pela escritora brasileira Cláudia, em que ela narra as histórias de seu cotidiano fazendo referência ao nome Cláudia (como indicado em C), mas é reconhecida como Afrodite na *internet*.

Observa-se que a construção do *blog* retoma a personagem Afrodite, deusa grega da beleza, do amor e da fertilidade. Podemos notar que o título (D) e o subtítulo estão ilustrados com a imagem fluida de uma mulher em azul com cabelos longos. Afrodite é a deusa que nasceu das espumas do mar; na mitologia grega, era a deusa do amor, da beleza, da sexualidade e da fertilidade. Ela era considerada o padrão de beleza da Antiguidade grega, mas, neste caso, trata-se de uma Afrodite humanizada, porque não pertence ao Olimpo, e sim ao mundo dos mortais.

O subtítulo "porque eu também sou filha de Zeus" recupera o dito popular "porque eu também sou filha de Deus". Aqui no Brasil, esse dito se refere à igualdade de condições entre os seres humanos diante do Deus onipotente. Conforme Komesu (2004), a autora consegue manter a qualidade da coerência de seu mundo textual: ainda que seja uma "deusa" sem lugar entre os imortais, Cláudia se

descreve como uma balzaquiana mãe de família, “mortalzinha” da Silva, como um cotidiano absolutamente normal e sem nenhuma sombra de mito”. Ainda assim, ela não deixa de ser filha de Zeus (ou de Deus).

Abaixo segue uma pequena descrição de cada letra capitulada dentro da concepção de Komesu:

Na imagem acima, em laranja, faz-se referência a alguns dos elementos mais comuns na composição de um Hipertexto.

A- Navegação principal ou navegação global, barra que reúne os *links*, considerados diretamente relacionados ao conteúdo que o website propõe expor;

B- Subnavegação ou navegação local, barras que reúnem os *links* considerados pelo autor como interessante para o leitor. Em “Afrodite sem Olimpo”, são *links* para arquivos já postados (publicados em rede). Por se tratar de um “diário” na *internet*, imagina-se que quem visita a website tem interesse em conhecer as histórias precedentes do escrevente;

C- Conteúdo chamado por se tratar do texto mais importante da página em acesso;

D- Título da página (“Afrodite sem Olimpo”), que neste caso, também tem um subtítulo (“porque eu também sou filho de Zeus...”)

Conforme Komesu (2004), cada um dos *links*, isto é, cada uma das palavras, dos trechos do texto em destaque, dos eventuais elementos gráficos, dá acesso a um outro hipertexto da *internet*. A ordem de acesso aos *links* é estabelecida pelo leitor. Segundo Koch (2007), os *links* são dotados de função dêitica pelo fato de monitorarem a atenção do leitor no sentido da seleção de focos de atenção, permitindo-lhe não só produzir uma leitura mais aprofundada e rica, assim como cercar determinado problema por vários ângulos, que remetem a outros textos que venham tratar de um mesmo tópico, complementando-se, reafirmando-se ou mesmo contradizendo-se uns aos outros.

A ascensão das tecnologias digitais transformou substancialmente a produção e a recepção dos textos, promovendo novas formas de organização e estruturação da informação. Nesse contexto, o hipertexto configura-se como uma modalidade textual que amplia as possibilidades de leitura e escrita, permitindo conexões dinâmicas entre diferentes conteúdos. Dentre suas principais características, destacam-se a profundidade e a simultaneidade, aspectos que intensificam a intertextualidade, conceito fundamental no campo dos estudos literários.

No que se refere a virtual, Lévy (1996) explica que não é algo falso ou ilusório, mas uma forma de existência que se diferencia do atual. O virtual tem potencial para se concretizar, tornando-se atual. Esse conceito envolve a transformação do real em algo que pode ser acessado ou modificado de novas formas, como a digitalização de informações. O autor discute como a virtualização afeta a economia, o conhecimento, as relações sociais e a subjetividade humana.

O virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras diferentes de ser. O virtual tende a se atualizar, mas sem que essa atualização seja uma simples concretização, uma realização, no sentido forte do termo. A atualização do virtual supõe a criação, a invenção de uma configuração singular a partir de um campo problemático. O possível, ao contrário, já está constituído antes de se tornar real; sua atualização não engendra nenhuma nova informação. O virtual, ao contrário, estrutura um espaço de problematização no qual a atualização produz novos efeitos e determinações. (Lévy, 1996, p. 15)

Lévy dá exemplo de ambientes que intensificam a virtualização, como a *internet*, a inteligência artificial e as redes digitais, alterando nossa forma de interagir com o mundo. A virtualização cria novas possibilidades de comunicação, mas também apresenta desafios éticos e filosóficos, como a redefinição da identidade e da autoria, propõe uma reflexão sobre como o virtual transforma a sociedade e a maneira como nos relacionamos com a informação e com o próprio conceito de realidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Komesu (2004) ressalta em seu texto que, os websites são criados de diferentes modos: alguns são destacados em caráter pessoal; outros, no âmbito profissional; também há aqueles cuja finalidade é institucional ou comercial. Segundo a autora, “Afrodite sem Olimpo” é somente um dos possíveis modelos de hipertextos que circulam na rede.

Koch descreve em seu texto que na concepção de Lévy (1996), o hipertexto, configurado em redes digitais, desterritorializa o texto, deixando-o sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível. Assim, o texto poderá ser construído e se tornar dinâmico. Uma vez que os textos constitutivos dessa grande rede estão contidos em outros e também contém outros, isto implica por parte do leitor, um trabalho contínuo de organização, seleção, associação, contextualização de informações e, conseqüentemente, de expansão de um texto em outros textos ou a partir de outros textos.

Koch ainda aponta que de acordo com Bolter (1991), o hipertexto é constituído por um texto aberto ou um texto múltiplo, caracterizado pelos princípios da não-linearidade, multicentrado, virtualidade e interatividade. Esse modelo de hipertexto proposto por Bolter redefine a forma como entendemos e interagimos com a informação, transformando o processo de leitura em uma experiência. Para isso, fazemos referência a autores que discutem a intertextualidade, Koch (2003) e Kristeva (1980), que articulam pensamentos e debates sobre o conceito, explorando sua origem literária e sua aplicação em vários estudos.

Koch (2003) discute o conceito de texto na história literária, defendendo que a produção textual é uma atividade consciente. Em resumo, todo texto é um intertexto, como argumenta Kristeva (1980), que sugere que um texto é entendido a partir de um circuito de afinidades com outros textos que o antecedem.

A palavra “intertextualidade”, quando analisada sob a visão da semântica, oferece uma compreensão das características da linguagem. O prefixo “inter”, denotando inclusão, e “textualidade”, referente ao discurso, delineiam claramente o conceito de intertextualidade como uma ideia inserida dentro de outra. Essas referências podem retratar relações intertextuais, conforme exemplificado na canção; manifestada também na arte em geral como é o caso de outros exemplos das pinturas, esculturas entre outras dimensões da literatura.

Na intertextualidade, as referências podem ser explícitas (mais facilmente percebidas) ou implícitas (menos perceptíveis). Exemplos explícitos incluem citações e referências diretas, enquanto exemplos implícitos incluem paródias e alusões (Koch; Bentes; Cavalcante, 2012).

Existem diferentes tipos de intertextualidade, como epígrafes, citações, paráfrases, traduções, alusões e paródias (Matos, 2024). Esses tipos podem ocorrer entre diferentes discursos ou dentro do mesmo gênero.

A título de exemplo, trazemos alguns tipos de intertextualidade muito comuns como: a) epígrafe: trecho de outro texto situado no início de uma obra ou capítulo com intuito de servir de inspiração ou tema para o que seja abordado no novo texto; b) citação: O trecho de outro texto é usado exatamente como veio escrito na fonte original que traz ideias que também serão abordadas no próprio texto; c) paráfrase: é uma referência direta com ideias discutidas em outro texto com referência de fonte original, sendo uma reescrita desse trecho nas próprias palavras do autor do novo texto; d) tradução: passagem de um texto de uma língua para outra língua. A alusão é uma referência indireta a outros textos pela utilização de certos vocábulos ou formas específicas da obra original; e) paródia: reescrita de outra obra de maneira irônica com a intenção de criticar ou divertir (Matos, 2024).

Xavier (2003) ressalta em seu texto que, segundo Koch (1990, p. 75–79), há dois tipos de intertextualidade: de conteúdo e de forma. A primeira se realiza no interior de uma mesma cultura, por meios de textos de uma mesma época e áreas de conhecimento. Pode ser explícita ou implícita. Já a

intertextualidade de forma, ocorre quando o produtor de um dado texto repete expressões, enunciados e trechos de outros textos.

No caso de hipertextos, é comum ocorrer a intertextualidade explícita, já que os *hiperlinks* são estrategicamente construídos para levar o hiperleitor a lugares em outras redes. Vale ressaltar que se pode ler um hipertexto navegando pelos textos verbais, imagens e figuras estáticas e dinâmicas nele ancorados. Dessa forma, o hiperleitor ao abordá-lo pode lê-lo linearmente do início ao fim dentro de um mesmo site ou pode realizar desvios pelos *hiperlinks*, explorando as digressões. Os *hiperlinks* espalhados pela superfície das páginas eletrônicas estão prontos a serem acionados.

Xavier ainda aborda que, não se pode dizer que tenha um hipertexto principal no sentido forte deste termo, também não há um hipertexto central ou mesmo algum centro ou núcleo em qualquer hipertexto on-line. Por isso, pode-se dizer que a intertextualidade explícita é uma das características mais fortes desta tecnologia enunciativa. Todo discurso, uma vez digitalizado e indexado à rede, ganha ubiquidade, pode estar virtualmente em todos os lugares ao mesmo tempo.

Desse modo, conforme Xavier, na maioria dos hipertextos, é através dos *hiperlinks* que se realiza a intertextualidade explícita, ou seja, acontece a hiper-intertextualidade, já que viabilizam o diálogo instantâneo entre hipertextos online. Isso ocorre na medida em que os *hiperlinks* viabilizam, de forma imediata, o diálogo entre diferentes hipertextos no ambiente digital, promovendo conexões dinâmicas.

No entanto, Xavier (2015), discute também como os hipertextos permeiam nosso cotidiano, destacando que grande parte das informações que recebemos está hipertextualizada. Ele aborda os desafios que essa realidade impõe ao processamento e à produção de linguagens mescladas, levando-nos a criar estratégias semióticas e cognitivas para lidar com essas linguagens. O autor busca responder a questões sobre o que é o hipertexto, quais são suas características e como podemos sobreviver intelectualmente ao vasto oceano de dados hipertextualizados.

Além disso, há um artigo intitulado “Hipertexto e intertextualidade” publicado na revista “CADERNOS de Estudos Linguísticos” que reflete sobre a presença da intertextualidade em hipertextos online. Este trabalho destaca que os *hiperlinks* digitais são instrumentos fundamentais de leitura na web, realizando um complexo processo de interconexão de hipertextos, o que torna a intertextualidade uma característica essencial desses textos digitais. Esses estudos evidenciam a relação intrínseca entre hipertexto e intertextualidade, mostrando como a estrutura não linear e a conectividade dos hipertextos ampliam as possibilidades de interação e construção de sentido na era digital.

De acordo com Lévy (1996), um hipertexto é uma matriz de textos potenciais, sendo que alguns deles serão realizados através da interação com um usuário. Ou seja, nenhuma diferença se introduz entre um texto possível da combinatória e um texto real que será lido na tela. A maior parte dos programas são máquinas de exibir ou realizar mensagens que sejam através de textos, imagens, etc., a partir de um dispositivo computacional que assim determina um universo possível. Lévy ainda reforça que esse universo pode ser imenso, ou fazer intervir procedimentos aleatórios, porém, é inteiramente pré-contido, calculável. Sendo assim, seguindo estritamente o vocabulário filosófico, não se deveria falar de imagens virtuais as imagens digitais, mas de imagens possíveis sendo exibidas.

Em linhas gerais, a hipercontextualização consiste no movimento inverso da leitura, na medida em que, a partir de um texto inicial, produz-se uma reserva textual e instrumentos de composição, por meio dos quais o leitor poderá projetar uma quantidade de outros textos (Lévy, 1996). Dessa forma, o hipertexto se apresenta como um ambiente fluido e mutável, onde as informações não estão rigidamente organizadas, mas se estruturam em uma teia de relações interconectadas.

A profundidade e a simultaneidade evidenciam-se mais propriamente no caso do trabalho em hipertexto. Essa modalidade de expressão desenvolve, de certo modo, uma característica do texto literário, a intertextualidade.

Hipertexto - Meio de informação possibilitado pelo emprego do computador, corresponde a uma estrutura composta de blocos de texto unidos por ligações (*links*) eletrônicas que oferecem a seus usuários diferentes trilhas de investigação. O hipertexto possibilita o arranjo não linear dos dados graças ao processo automático de conectar um pedaço de informação a outro (Zilberman, 2001, p. 119).

O leitor, nesse contexto, assume um papel ativo, navegando por diferentes camadas de significado, explorando *links*, referências e intertextualidades que enriquecem sua compreensão. Assim, a leitura deixa de ser um processo linear e unidimensional para se transformar em uma experiência aberta, em que cada interação pode gerar novas possibilidades.

Por outro lado, o hipertexto sempre esteve presente na remissão constante de um livro a outro através do repertório de leitores. O texto plural, com suas múltiplas entradas, torna-se dinâmico a partir da atuação do leitor, estabelecendo, assim, uma continuidade com o texto eletrônico no que se refere à hipertextualidade (Villaça, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que podemos destacar muitos aspectos fundamentais que envolvem a análise da estrutura do hipertexto, a intertextualidade e o papel da *internet* como um espaço dinâmico de comunicação e expressão. A partir do modelo de “Afrodite sem Olimpo”, de Cláudia, vemos um exemplo claro de como as tecnologias digitais transformam a forma de se contar histórias e de se relacionar com a tradição literária e cultural, inserindo uma protagonista que, ao mesmo tempo em que é inspirada pela figura mitológica, humaniza-se e se insere no mundo real dos mortais.

O conceito de hipertexto, como explorado por autores como Komesu (2004) e Lévy (1996), permite compreender a *internet* e a rede como um espaço não linear e aberto, onde a informação é constantemente acessada, modificada e reconfigurada de acordo com o movimento do leitor. Nesse ambiente, a leitura se torna um processo dinâmico, interativo e multissensorial, no qual o leitor não é apenas um receptor passivo, mas um explorador ativo, navegando entre textos, imagens, *links* e outras referências.

A intertextualidade, tanto explícita quanto implícita, tem um papel crucial nesse universo digital. Ao se utilizar de referências literárias, culturais e até mitológicas, o texto de Cláudia não só se insere em uma rede de significados, mas também possibilita ao leitor novas conexões e interpretações. Os *links*, por exemplo, não apenas direcionam para outros textos, mas possibilitam uma experiência de leitura mais rica e diversificada, aproximando os leitores de diferentes ângulos sobre um mesmo tema, como sugerido por Koch (2003) e Kristeva (1980). Cada leitura do hipertexto é, portanto, uma experiência única, construída a partir das escolhas individuais do leitor, que decide qual caminho seguir em meio a uma infinidade de possibilidades.

Ao aplicar os conceitos de Lévy sobre virtualidade, também podemos observar como a *internet* não apenas replica o real, mas cria novas formas de interação e de existência, em que o virtual e o atual se intercalam. O hipertexto se configura como um espaço de potencialidades, onde o texto é continuamente reconfigurado à medida que o leitor interage com ele. Isso reflete uma nova forma de ser, onde a experiência de leitura não se limita à fruição de um texto estático, mas é vivenciada como um processo dinâmico, criativo e aberto a múltiplas interpretações.

Em conclusão, o estudo de “Afrodite sem Olimpo” oferece uma visão rica sobre as possibilidades que a *internet* e o conceito de hipertexto oferecem, especialmente em termos de interatividade, construção de sentido e intertextualidade. A autora, ao criar seu *blog*, não apenas ressignifica a mitologia clássica, mas também engaja os leitores em um processo contínuo de criação e recriação textual, refletindo as transformações e os desafios que a era digital impõe à literatura e à comunicação. Dessa

forma, a leitura de um hipertexto se torna não apenas um ato de consumo, mas um ato de participação ativa na construção do significado, fazendo do leitor coautor.

REFERÊNCIAS

BOLTER, J. D. **Writing Space: The Computer, Hypertext, and the History of Writing**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1991.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, I. G. V. Hipertexto e Construção de Sentido. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 23–38, 2007.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2012.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1990.

KOMESU, F. **Pensar em hipertexto**. São Paulo, 2004.

KRISTEVA, J. **Desire in Language: A Semiotic Approach to Language and Art**. Edição: Leon S. Roudiez. New York: Columbia University Press, 1980.

LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Ed.34, 1996.

MATOS, A. **Tipos de intertextualidade na música**. São Paulo: Editora Musical, 2024.

VILLAÇA, N. **Impresso ou eletrônico: um trajeto de leitura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

XAVIER, A. C. Desafio do hipertexto e estratégias de sobrevivência do sujeito contemporâneo. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 2, p. 69–82, 2015. jul./dez. Acesso em: nov. 2024. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/download/1302/1125/2202>.

XAVIER, A. C. Hipertexto e Intertextualidade. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 44, p. 283–290, 2003. jan./jun.

ZILBERMAN, R. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.